

## PREFÁCIO À EDIÇÃO CLÁSSICA

Desde a primeira edição inglesa do livro de Mario Jacoby, intitulado *Individuação e narcisismo: a psicologia do si-mesmo em Jung e Kohut*, passaram-se mais de 25 anos; no entanto, este livro fundamental permanece um texto-chave no que tange à psicologia do si-mesmo e à Psicologia Analítica junguiana, bem como à intersubjetividade, ao relacionamento humano, à transferência e à contratransferência.

Contudo, têm-se feito novas descobertas com respeito à psicologia do profundo. Menciono duas delas, porque penso que Mario Jacoby teria prestado atenção a elas e teria incluído ambas em seu livro sobre o narcisismo: a) a psicologia do trauma e especificamente o tratamento do trauma e 2) a nova pesquisa do cérebro e sua influência nos métodos terapêuticos.

Embora *Saudades do paraíso*, o primeiro livro de Jacoby, envolva e amplie o arquétipo do Paraíso, já é um Jacoby genuíno – significando que, de uma ponta a outra, evoca o intento de Jacoby, como escritor, terapeuta e analista, de estar o mais próximo possível das necessidades expressas e não ex-

pressas de seu cliente. O valor que o autor atribui à proximidade em relação ao cliente na perspectiva e na diligência terapêuticas levou Mario Jacoby até Heinz Kohut. Nele encontrou um teórico e pragmático agradável, cujas obras permitiram-lhe uma abordagem suplementar da psicologia do desenvolvimento, buscando tornar mais clara a formação de um si-mesmo coeso e conectá-lo com as opiniões da psicologia junguiana. Descobriu nele observações congeniais do distúrbio inicial, a coesão da psique e a configuração narcísea. Dessa forma, sua visão sobre as estruturas psíquicas aprofundou-se: chegou a reconhecer o si-mesmo-objeto como responsável pelo desenvolvimento da coesão psíquica; conseqüentemente, ele concentrou sua atenção terapêutica no crescimento de um eu maduro e forte.

Naquela época, a psicologia do eu, os fenômenos do desenvolvimento e os transtornos iniciais não tinham estado no foco da psicologia junguiana clássica. Com suas contribuições, Mario Jacoby prenunciou nova compreensão em relação a clientes que eram afetados pela Segunda Guerra Mundial: perda dos pais, exílio, desenraizamento, privação, trauma cumulativo nos primeiros anos decisivos. Em resumo: fatos que impedem um desenvolvimento saudável e são responsáveis por um eixo eu-si-mesmo quebradiço e frágil.

O profundo interesse por Kohut resultou em seu livro *Individuação e narcisismo: a psicologia do*

*si-mesmo em Jung e Kohut* (edição alemã de 1985 e edição inglesa de 1990). Este livro importante e fundamental recebeu nova edição pela Routledge em 2017, pela qual junguianos de todo o mundo e outros psicólogos do si-mesmo ficaram profundamente agradecidos.

Aqui, seu interesse reside em paralelos instrutivos entre os conceitos do si-mesmo de Jung e de Kohut. Também está muito interessado no tópico da transferência do si-mesmo-objeto. A obra de Jacoby sobre o narcisismo realmente traz o conceito junguiano do si-mesmo para dentro da intersubjetividade, do encontro humano – a condição *sine qua non* para um relacionamento terapêutico. O grande talento de Jacoby para a ressonância, a empatia e o relacionamento com os clientes fizeram surgir sua grácil consciência dos fenômenos da transferência e da contratransferência. Ele partilhou esse talento e formou gerações de analistas em treinamento à medida que frequentavam suas aulas, seus seminários e principalmente sua supervisão individual e grupal. Nesse sentido, Jacoby de fato pôs em prática e ampliou a teoria junguiana, o treinamento de Zurique e o campo junguiano em geral, tornando os estagiários mais humanos e levando-os a aproximar-se mais das necessidades dos clientes. Em minha opinião, essa é a principal contribuição de Mario Jacoby.

Além disso, ele é uma importante figura de ligação que une a abordagem clássica de Zurique à análise e à terapia junguianas orientadas do ponto de vista analítico e do desenvolvimento. Com suas habilidades terapêuticas nuançadas e emocionalmente harmonizadas, ele construiu pontes tanto com clientes quanto com o exterior – alcançando-os onde eles mais precisavam de ajuda.

A edição clássica de *Individuação e narcisismo: a psicologia do si-mesmo em Jung e Kohut* certamente continuará a aumentar a influência de Jacoby sobre analistas, terapeutas e estagiários dentro e fora do campo junguiano.

Kathrin Asper

Meilen, janeiro de 2016

## PREFÁCIO

Esta obra surgiu da necessidade de reunir e rever diferentes conjuntos de observações, teorias e sistemas terapêuticos. Desde o nascimento de nossa ainda jovem ciência (em geral considerado quando da publicação de *A interpretação dos sonhos*, de Freud, em 1900), tem havido vasta efusão de pesquisa, especulação, teorização, análise e controvérsias, resultando em amplo espectro de escolas e movimentos, todos erguendo bem alto as faixas de suas próprias verdades e sendo hostis às dos outros. Considerando-se que todos os ramos da psicologia do profundo registram aproximadamente as mesmas percentagens de bom êxito e malogro no tratamento, parece-me que é chegado o tempo de maior tolerância. Se as várias escolas analíticas tomassem mais conhecimento umas das outras, todas poderiam ser enriquecidas de forma significativa, uma vez que cada uma delas acumulou experiência e desenvolveu técnicas a partir de sua própria perspectiva teórica particular. Contudo, mesmo presumindo suficiente prontidão para prestar atenção a outras abordagens, há outra dificuldade: as diversas escolas desenvolveram seus

próprios vocabulários especializados cujas nuances só podem ter compreensão adequada por iniciados. Por exemplo: a linha de pensamento extremamente interessante de Heinz Kohut, que ele expressou em 1971 em seu primeiro livro *Análise do Self*, foi apresentada em uma linguagem psicanalítica tão densa e perifrástica que muitos potenciais leitores ficaram desencorajados. Achei necessário ler o livro diversas vezes a fim de realmente captar-lhe as sutilezas, mas dei-me ao trabalho de fazê-lo porque me pareceu que o que Kohut tinha a dizer era instrutivo e estimulante para meu próprio trabalho terapêutico; em muitos aspectos, percebi em sua obra um íntimo parentesco com minha própria abordagem psicológica. Um pequeno número de meus colegas da corrente junguiana leu a obra inicial de Kohut e comentou: “Mas isso é puro Jung!” Alguns deles também acharam ultrajante o fato de Kohut não ter nem sequer mencionado Jung. Entretanto, a maioria dos colegas e estudantes aos quais recomendei o livro de Kohut colocou-o mui rapidamente de lado, afirmando que era simplesmente ilegível.

No momento em que Kohut desenvolveu sua própria terminologia (por volta de 1977) para descrever os vários aspectos de sua psicologia do si-mesmo, sua obra tornou-se um pouco mais acessível. Ainda assim, exige considerável esforço da parte do leitor. Winnicott também usa uma linguagem própria em suas tentativas de expressar as experiências pré-ver-

bais de bebês. Tampouco devemos presumir que a linguagem especializada dos junguianos seja prontamente compreensível para os não iniciados, uma observação que se aplica até mesmo em maior medida à linguagem dos teóricos das relações objetais.

Todas as escolas da psicologia do profundo concentram sua atenção no mesmo objeto – todas elas esperam compreender e interpretar a psique humana. Tal propósito, porém, enfrenta um obstáculo insuperável. Sem envolver-me aqui em ampla discussão epistemológica, gostaria de fazer a seguinte breve observação sobre esse assunto: jamais poderemos alcançar resultados puramente “objetivos” em nossos esforços para tornar a psique humana objeto de nossa compreensão, visto que a psique é, ao mesmo tempo, um elemento ativo de nosso ser subjetivo. Por outras palavras, o subjetivo, a “equação pessoal” do observador, é sempre uma parte de sua tentativa de compreender e explicar; não pode ser eliminada. Por conseguinte, na psicologia do profundo, não há nenhuma verdade demonstrável, universalmente válida; devemos sempre confiar em nosso *Evidenzgefühl* [“tino de evidência”], em nosso senso a respeito de as teorias acerca dos funcionamentos da psique parecerem ou não plausíveis e estarem em harmonia com a experiência. No fim de contas, esse é o único critério fundamental.

Até o presente, nenhuma escola de psicologia logrou, com base em suas descobertas, transmitir

um *Evidenzgefühl* que seja inteiramente satisfatório para todos. Com toda probabilidade, isso jamais acontecerá; e se acontecesse, enfraqueceria a motivação para novas buscas e descobertas. Ao mesmo tempo, é bastante questionável se as teorias e técnicas analíticas das várias escolas são realmente tão diferentes entre si quanto suas variadas linguagens especializadas nos levariam a crer. É compreensível que os membros de cada escola de psicologia e suas associações profissionais, ao enfatizarem sua própria terminologia especializada, tentem sublinhar o que é original e único em suas teorias e seus métodos próprios. Entretanto, parece-me que há boa dose de imbricação.

Minha tentativa imediata de integração fundamenta-se no esforço para demarcar o mais precisamente possível a realidade empírica a partir da qual os vários termos técnicos têm sido abstraídos. Minha intenção, portanto, é descrever como é “sentir” determinados tipos de sofrimento psíquico e chamar a atenção para aquelas propriedades da percepção subjetiva que são frequentemente mais veladas do que reveladas pela terminologia técnica. Desse modo, espero dar uma pequena contribuição com vista ao incremento de nossa sensibilidade para a realidade da psique, que acredito ser uma pré-condição para qualquer psicoterapia.

De antemão, porém, é necessário uma observação geral: ao discutir questões teóricas ou tera-

pêuticas globais, não repetirei a cada vez que um analista pode ser tanto um homem quanto uma mulher, e o mesmo vale para o analisando, cliente ou qualquer pessoa a quem eu estiver me referindo. Simplesmente por razões estilísticas é que desejo evitar o uso constante de “ele e ela” ou “dele e dela” no texto. Espero que o leitor não considere isso um preconceito patriarcal chauvinista.

Neste momento, quero agradecer a todos os psicanalisandos que me deram a permissão para usar sonhos e problemas oriundos de suas análises. Por razões de discrição, alterei deliberadamente todos os dados não relacionados em específico aos problemas descritos. Também desejo agradecer à Dra. Kathrin Asper, à Dra. Verena Kast e à Dra. Sonja Marjasch por sua leitura crítica deste manuscrito. Sou igualmente grato a Tom Kelly por suas úteis sugestões e sua acurada editoração. Minha gratidão especial à Sra. Aniela Jaffé, que examinou cuidadosamente o manuscrito original alemão e prestou-me inestimável ajuda seja em questão de linguagem, seja em questão de conteúdo. Por fim, meus mais afetuosos agradecimentos à minha esposa, Doris Jacoby-Guyot, por sua empatia ao longo de todas as etapas deste projeto e por seu apoio ativo durante suas fases críticas.

Mario Jacoby  
Zollikon